

Apresentação

Para o mundo de hoje, a literacia ambiental já faz parte da cultura geral. Mesmo entre nós, qualquer criança no final da instrução primária tem actualmente mais cultura sobre ambiente do que muitos responsáveis políticos, empresariais e outros.

E, no entanto, em Portugal, continua a ministrar-se a Educação Ambiental mais como um suplemento recreativo do que como uma peça educativa forte. Apesar da enorme capacidade que ela tem de integrar as componentes cívicas, humanísticas e científicas, não se lhe atribui o destaque que merece, nem se aproveita o potencial que encerra. Desde as clássicas e sistemáticas faltas de meios dos organismos que têm por função implementá-la, até às crónicas desarticulações institucionais, continua a faltar em Portugal um programa sério, integrado e oficialmente assumido de Educação Ambiental. Esta acaba por se restringir ora a uma matéria disciplinar, ora a uma mera periferia das disciplinas escolares, pouco remetendo para a complexidade das questões ou para a responsabilização cívico-ambiental dos estudantes.

Já existem, é certo, múltiplas oportunidades curriculares que permitem aos jovens aceder, no quadro de uma educação formal, à informação ambiental sobretudo por via das ciências da natureza e geográficas. Já existem também inúmeros projectos exemplares promovidos por várias ONG, pelas autarquias e até por algumas empresas. O que falta é articular as competências curriculares com processos de aprendizagem dos direitos e deveres associados a uma participação cívica activa às diferentes escalas – local, comunitária e global – que assegure a sustentabilidade efectiva dos programas educativos sobre ambiente. Aliás, poucos temas facultarão hoje um encontro de saberes, exigência crítica, estímulo cívico e projecto de futuro como a Educação Ambiental e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EA/EDS).

No arranque da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável proclamada pela UNESCO para 2005-2014, fez-se um diagnóstico que tinha como principais objectivos conhecer e dar a conhecer o tipo de projectos de EA/EDS que se desenvolvem em Portugal, suas temáticas e seus intervenientes; assinalar dificuldades e problemas-tipo; identificar potencialidades e bons exemplos e contribuir para uma avaliação mais consistente.

A equipa que tomou a responsabilidade de levar a cabo esta tarefa, desde cedo assumiu uma postura abrangente, por um lado, adoptando um conceito amplo de EA – que incluísse a EDS – de maneira a potencializar a mobilização/participação, numa lógica holística de sustentabilidade. Por outro lado, avançando com uma abordagem maximalista procurando chegar a todo o país, a todas as escolas e às muitas organizações não escolares dinamizadoras de projectos de EA/EDS. Uma «empreitada», portanto, para a qual foi preciso mobilizar inúmeros apoios e empenhos, sobretudo por parte das escolas, dos professores e das muitas organizações não escolares que nos responderam.

É, pois, a todos estes que muito agradecemos – aos que voluntariamente se dispuseram a preencher um extenso inquérito, disponibilizando generosamente esse recurso tão escasso que é o tempo. Sem eles – docentes, militantes das ONGA e ONGD, técnicos da Administração Pública Central e Local, técnicos de empresas, de universidades, de museus, de fundações – não teria sido possível realizar este trabalho.

Algumas instituições foram também cruciais para o sucesso desta tarefa: para além do Instituto do Ambiente, já extinto, foi importante o apoio da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, do Ministério da Educação, que colaborou no envio dos questionários por correio postal e por correio electrónico a todas as escolas do país. Tal como o fizeram também as Secretarias Regionais de Educação e do Ambiente das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Neste mesmo sentido, refira-se ainda o Programa Ciência Viva que nos disponibilizou as suas bem organizadas bases de dados.

A lista de agradecimentos é, assim, merecidamente vasta. Dentro das instituições que nos deram a sua imprescindível colaboração, destacamos os ex-presidente e vice-presidente do Instituto do Ambiente, respectivamente, João Gonçalves e Fernanda Santiago (actual vice-presidente da APA – Agência Portuguesa do Ambiente). Ainda no Instituto do Ambiente, merece especial menção Luis Morbey pelo entusiasmo com que sempre apoiou este projecto; bem como Helena Correia, e Isabel Raposo. No Ministério da Educação, o ex-Director-Geral do Ensino, Luís Capu-

cha, e da DGCI, Luísa Ucha e Raquel Mota – às quais agradecemos a disponibilidade sempre demonstrada. Tal como de Eunice Pinto da Direcção Regional da Educação da Madeira, cuja intervenção possibilitou uma excepcional taxa de resposta no inquérito às escolas.

Algumas personalidades há muito dedicadas à teoria e à prática da educação ambiental concederam-nos entrevistas decisivas sobretudo para reconstruir um fio condutor de uma história nem sempre de contornos muito evidentes. Assim agradecemos a Fátima Matos Almeida, Manuel Gomes, Mário Freitas, Odete de Sousa Martins e de novo Luísa Ucha.

O trabalho contou ainda com o apoio de três consultoras – Ana Benavente, Ana Nunes de Almeida e Graça Martinho – cuja experiência e conhecimento na matéria constituíram um apoio importante sobretudo no arranque do projecto.

Da equipa do projecto, com uma intervenção valiosa no contactos com instituições escolares e não escolares e na introdução e análise de dados dos dois inquéritos, fizeram parte André Freitas, Sílvia Almeida, Teresa Rosado, Luísa Nora e Clara Valadas Preto, aos quais agradecemos, e que não pouparam esforços para garantir uma amostra robusta e representativa do universo escolar nacional. O capítulo da história da educação ambiental, merece ainda referência o trabalho de David Travassos, cujo contributo foi essencial na investigação e entrevistas.

Por fim, gostaríamos de salientar que este projecto beneficiou muito especialmente da participação de Margarida Gomes – professora e membro activo da ABAE, fundadora e animadora do Projecto Eco-escolas. A Margarida esteve neste projecto desde o início e a sua colaboração foi decisiva para o sucesso desta empreitada.